

Entre o balanço que acalenta e o titubear que sequestra a palavra: a passagem do tempo da constituição do psiquismo ao processo analítico

Morgana Mengue Saft Tarragó¹

RESUMO

Ainda que todos os bebês necessitem de um objeto que lhes desperte a pulsão de vida e que, assim, possibilite intrincação pulsional, a constituição do psiquismo é cadenciada de forma única, assim como a história que cada sujeito construir será inédita, imprevisível e terá cronologia própria. No sujeito, o que foi precoce se repetirá. O que foi excessivo para ser assimilado retornará como marca do traumático. A vida faz-se em tempos intercalados de ir e vir. Assim também se faz cada história analítica vivida entre o par analista-analisando. Nesse sentido, este artigo propõe-se a uma revisão teórica acerca da constituição do Eu e seu enlace no processo analítico, considerando aquilo que, na experiência transferencial, é possível (re)viver no *après-coup*, porque, originalmente, foi inaugurado fora do tempo. Vinhetas clínicas são utilizadas com o objetivo de exemplificar o que teoricamente é trazido da letra freudiana.

Palavras-chave: Id. Eu². Supereu. Processo analítico. Tempo. Transitoriedade.

1 Psicanalista, membro Associado do CEPdePA.

2 Por questão de tradução, as instâncias psíquicas denominadas Eu e Supereu poderão aparecer neste texto como Ego e Superego.

1 A MARCAÇÃO DA PASSAGEM DO TEMPO: QUANDO SE NASCE?

Depois dos dias todos de chuva, de novo o céu traz o azul, que escondera, aos grandes espaços do alto. Entre as ruas, onde as poças dormem como charcos no campo, e a alegria clara esfria no alto, há um contraste que torna agradáveis as ruas sujas e primaveril o céu de inverno baço. [...] Passeio como um caixeiro liberto. Sinto-me velho só para ter o prazer de me sentir rejuvenescer (PES- SOA, 2001, p. 160).

Este texto de alguma forma explicita um caminho trilhado sob o movimento cambaleante de um tempo, com cadência e ritmo: o tempo de certo modo interminável, de tonar-se psicanalista. Há um momento, um tempo em que o efeito do estudo aliado à experiência clínica transforma desde dentro. Inaugura-se a transposição de um saber intelectual para um conhecimento. Nesse tempo, torna-se possível usar do que foi integrado, fazendo própria uma teoria. Quiçá essa transformação, da mesma forma, seja interminável, como é a construção subjetiva de cada analisando que escutamos. E do analista que somos.

Sendo a escrita uma maneira de materializar uma ou diversas elaborações, este texto, nas entrelinhas, pretende possibilitar um olhar frente a frente que permite questionamentos, tais como: quais transformações e acomodações da teoria psicanalítica são necessárias para as tomarmos para uso, pondo-a em movimento no balanço do tempo do fazer clínico? Qual é o ritmo? Como se dá cada recomeço e em que tempo a escuta vai se ampliando o suficiente para compreendermos cada um de nossos analisandos na sua profundidade (subjetividade) própria?

Poucos momentos da vida de um sujeito são tão efetivos para o contato com a inegociável passagem do tempo como a ocasião de ocupar o lugar de ser pai ou mãe. A chegada de um filho aciona nos progenitores a revivência do desamparo, da castração e da finitude, pondo-os desde logo na irreparável necessidade de submissão à cronologia, à sucessão e aos intervalos.

Assemelhado a esse papel, que aqui é tomado no que ele representa e não na sua concretude ou objetividade, podemos pensar o lugar de analista, no tempo e

no espaço de acompanhar seu analisando no processo que marca, para alguns, o nascimento de sua subjetividade, da sua existência psíquica. Do [lugar] analista como quem faz a “[...] *ação específica do analista*, mobilizada por comunicação inconsciente e transportada via contratransferencial.” (TARRAGÓ, 2018, p. 99). Quer dizer, pensamos o analista como capaz de, mantendo seu lugar de neutralidade e abstinência, antecipar e traduzir o não representado no psiquismo do analisando, para, em um segundo momento, entregar-lhe sentidos possíveis.

Desde esse lugar, entendemos que é preciso manter presente a perspectiva da transitoriedade de qualquer condição, seja ela de dor, de satisfação, de expectativa, de realização, da não existência para o tempo de ser. É a possibilidade de transformação que mantém a vida. É a capacidade do sujeito suportar as mudanças que faz prevalecer avanços ou ganhos, e não danos ou perdas.

Assim se constitui o psiquismo: em etapas cadenciadas que se sucedem, que regridem, avançam, são concomitantes, transformam-se. Uma parte do sujeito segue sendo o mesmo, uma vez que, no seu inconsciente, se mantém atual o que nele, desde sempre, o constituiu. Outra parte é transformada pelo tempo em sua passagem e pelas relações que o marcaram, constituindo e tornando acessíveis recursos para seu uso. Para o melhor ou para o pior de si mesmo.

A origem da vida psíquica e do conflito entre Eros e Tanatos coincidem, e todo o ato psíquico tende a resolver ou a exacerbar as metas contraditórias de uma matriz conflitual. “Pela obediência aos mitos fundadores, construir-se-á o projeto identificatório³ do *infans* até a entrada em cena do Eu, que dá início a um tempo historicizado para cada sujeito.” (ROSA, 2009, p. 214). Esse projeto, mesmo inserido numa temporalidade que culmina com a morte, exige que o sujeito esteja condenado a investir, seja qual for o preço a pagar (AULAGNIER, 1979).

Comparado a uma “crença⁴”, pensamos o investimento no processo analítico feito pelo par. Crença, porque nada garante, a não ser a capacidade, primeiro, do analista, seguida do analisando, de apostar que vale a pena investir, já que nenhum estado é permanente. Esse “primeiro lance” equivaleria à força pulsional

3 Projeto este que corresponde ao ideal de ego freudiano. (SCATOLIN, 2011, p. 162).

4 Convicção sobre a verdade de uma afirmação. Pensamento que se acredita ser verdadeiro ou seguro. Confiança. (MICHAELIS, c2019).

transformada em investimento na relação transferencial e no amparo que o *setting* garante. O “vale a pena” tem suas próprias e infinitas formas possíveis de serem pensadas e experimentadas: vai parar de doer, vai crescer, vai piorar e melhorar de novo. Vai nascer e vai morrer, isso é certo, mas pode-se alongar o caminho e fazer dele belo. “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo.” (FREUD, 1916 [1915], p. 317). Talvez seja por conta do que aqui chamamos de “uma aposta que vale a pena” que uma mãe (função) suporta os primeiros choros de seu filho recém-nascido até aprender a traduzi-los⁵ e, assim, entregar-lhe, especificamente, o que ele precisa para viver e, futuramente, desejar o que, em nome e a favor da vida, lhe faltou.

Não será igualmente por essa aposta que amparamos e suportamos a dor ainda inominável de um paciente que se desespera em nossos consultórios? Não seria por ela que conseguimos seguir apostando que a capacidade de pensar é mais transformadora (de seu próprio psiquismo) que a ação? Não é “só depois” que o acontecido ganha sentido, quando ele é inserido na rede associativa e poderá ser pensado? A dor também nos constitui, e anestesiá-la precocemente pode emudecer aquilo que poderia, *à posteriori*, ser transformado em palavra e história. Refiro-me aqui às dores inevitáveis, inerentes à vida e não somente às dores que não puderam se transformar em sofrimento, porque não foram ainda sentidas.

Nesse sentido, a questão da transitoriedade e da temporalidade está presente, incondicionalmente, na nossa escuta enquanto psicanalistas que somos, porque privilegiamos o inconsciente e sua atemporalidade, a associação livre e sua cronologia própria, a atenção flutuante e sua ligação com o que já é e com o que ainda não se tornou história.

Apostamos que a passagem do tempo contenha em si um espaço que neste se faça intervalo e que o sujeito se fortaleça pelas vivências contidas também neste entre: “[...] da boca aos órgãos genitais, e da situação de aleitamento às relações sexuais.” (GREEN, 2008, p. 213). Espera-se que as vivências de dor e de amor

5 “O mundo do paciente demora a tomar forma. Não encontram o fio da meada. Paciência, a bruma se dissipará lentamente. [...] O caos inicialmente não tem sentido, mas, pouco a pouco vai se tornando um caos organizador, e uma forma de emergir. E o analista verá, talvez, o mundo de seu paciente tomar forma” (QUINODOZ, 2002, p. 421).

transformadas e transformadoras nas experiências com o objeto sirvam para capacitá-lo para as novas e inegociáveis exigências da vida, assim como foi exigente a intrusa sexualidade parental, que afetou o Eu e lhe exigiu mais trabalho (GREEN, 2008). Exigências que nascem ao mesmo tempo em que o primeiro sopro de ar entra pelos pulmões. Lembrando Aulagnier (1979), somos obrigados a investir. Então, que colhamos os melhores frutos depois do florescimento. E que apreciemos o desabrochar, já que, segundo Green (2008, p. 225, grifo do autor), “no inconsciente, os projetos não se vinculam às coisas que desejamos ver acontecer, mas eles tomam forma, em suas representações, *de projetos já realizados*.”

Respirar cansa, lutar pela própria vida pode ser exaustivo, mas, se apostarmos, como Freud (1916 [1915]), p. 317), que “a limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição.”, os momentos de felicidade conquistada fazem valer a pena. A dor não é eterna, como não é a vida. Mas uma vida bem vivida pode ser bela, mais bela se a rememoração for pela via do lembrar, de acesso via representações, não uma repetição pela ação da pulsão de morte, que tem como propósito “[...] desfazer toda a sequência temporal psiquicamente significativa ou importante em relação com o princípio do prazer que poderia estar à serviço do Ego.” (GREEN, 2008, p. 216).

2 DA ATEMPORALIDADE DO INCONSCIENTE À SUCESSÃO DE ACONTECIMENTOS

Ainda que bastante presente na obra de Freud, esse conceito [temporalidade] não foi outra coisa senão um dos componentes de um problema muito complicado, que coloca o analista diante de dificuldades para interpretar um material que apresenta laços com o passado e a história do paciente (GREEN, 2008, p. 208).

Partimos de um momento de convergência e de grande importância e retornaremos ao princípio. Seguiremos no movimento de regressar e avançar, assim como se movimenta a vida, às vezes num balanço que acalenta, outras num movimento titubeante em que a palavra deixa de ser sustento, e cambaleamos.

O Complexo de Édipo e a Angústia de Castração – essa última que deflagra na menina o Complexo de Édipo e o sepulta no menino – são ambos norteadores de como cada sujeito posicionar-se-á em sua sexualidade (desejo) e na sua forma de amar (relação de objeto), na vida adulta (FREUD, 1924a). É “[...] o complexo nuclear da personalidade normal e patológica, circunda ou bordeia todas as estruturas psíquicas.” (ALMEIDA; TARRAGÓ, 2018, p. 40). Pode ser entendido como “[...] marco zero de um caminho a partir do qual se modifica a ideia de tempo na construção da subjetividade [...]” (SIGAL, 2009, p. 26). O Édipo explica a origem de nossa identidade sexual e dos nossos sofrimentos neuróticos, “[...] ou melhor, do processo de produção da sexuação.” (OLIVEIRA, 2016, p. 149).

Antes da conflitiva edípica eclodir, ao psiquismo são exigidos outros trabalhos que lhe são dispendiosos. O tempo do autoerotismo – fase inicial do desenvolvimento da libido, de pulsões parciais – é também o tempo em que se inaugura o aparato psíquico. O autoerotismo na teoria freudiana (VALLS, 2009) remete à característica ou à modalidade de satisfação predominante da libido da sexualidade infantil, por autoestimulação do próprio corpo, que produz prazer de órgão. Ainda que predomine, no início da vida, parte do autoerotismo, estende-se por toda a existência do sujeito. É uma etapa prévia à constituição do Eu realidade definitiva. Esse Eu tem uma origem corporal, mas supera-o em outro nível, com funções cada vez mais sofisticadas. É, em parte, a imagem do corpo que paulatinamente se torna uma estrutura psíquica complexa. A libido, que nesse momento busca satisfazer-se nessa estrutura (Eu-corpo), vai constituir o narcisismo, que, uma vez instalado, adere a uma modalidade da libido narcisista.

Nesse tempo, o Eu ainda é inexistente. Segundo Freud (1914, p. 99), “É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido.”. São essas primeiras satisfações autoeróticas, vividas em conexão com as funções autoconservativas que, apoiadas nos processos de satisfação das pulsões do Eu, vinculam-se “[...] e só mais tarde se tornarão independentes [...]” (FREUD, 1914, p. 107). Como sublinha o autor, toda nova fase do desenvolvimento libidinal coexiste com aquela que a precede.

O narcisismo emerge no sujeito inicialmente identificado pelas figuras parentais. Nesse tempo de narcisismo primário, o bebê não existe ainda como sujeito, como alteridade, ele é fruto de um investimento externo a si mesmo; ele é quem dizem que ele é. Assim, é produto daquilo que os pais projetam na sua cria. Essa identificação primária-passiva é a “nova ação psíquica” (FREUD, 1911, 1914), necessária para a constituição do narcisismo, portanto da unificação que se chamará Eu. O bebê passa a enxergar-se inteiro nos olhos da mãe e, quando busca seu olhar, almeja encontrar a si mesmo e, assim, garantir sua existência. Em alguma medida, a busca por esse olhar que confirme a existência própria e seu valor e lugar no mundo nunca cessa. A diferença vai estar nas estratégias e nos caminhos que cada sujeito vai poder construir e percorrer para alcançá-lo. Quanto mais longo e sinuoso o caminho, melhores possibilidades de a própria busca se transformar em construção prazerosa, pela variedade de vias de satisfação.

Vale ressaltar que o resultado da libido excessivamente retida no Eu é uma impossibilidade de estabelecimento de relações de objeto suficientemente satisfatórias. São as relações com o outro e a qualidade destas que dizem algo sobre a capacidade de um sujeito amar (FREUD, 1914) e trabalhar (FREUD, 1930).

Uma pessoa somente adoece de uma neurose se seu Eu perdeu a capacidade de diversificar, de algum modo, sua libido. Quanto mais forte é seu Eu, mais fácil lhe será executar essa tarefa. Qualquer enfraquecimento do seu Eu por qualquer causa deve ter o mesmo efeito, agindo como um aumento excessivo das exigências da libido, e, por isso, lhe possibilitará adoecer de uma neurose (FREUD, 1917 [1916-17], p. 387).

O Eu constitui-se através das identificações, fruto da relação com os objetos primordiais. Portanto, é o resultado daquilo que teve, o que nos permite fazer uma relação direta com a qualidade da ação específica (FREUD, 1950 [1895]) oferecida pela mãe para aplacar o desamparo originário. A mãe ativa no recém-nascido, com a libido existente no psiquismo materno, a pulsão de vida que enlaçará a força disruptiva existente em todo ser humano que respira (GREEN,

1993). Ou seja, a necessidade da presença do objeto que traga consigo a possibilidade de oferecer ao recém-nascido uma ação específica (FREUD, 1950 [1895]) de qualidade faz da mãe ou de seu substituto o responsável pela abertura que instaura a homossexualidade, como também confirma a sujeição e a passividade como marcas inquestionáveis do início da vida de todos.

A chegada ao mundo é traumática por excelência, e são as ligações promovidas pela função materna que irão cadenciar o efeito desse traumático ao longo da vida do sujeito. Também esse primeiro enlace inaugura o masoquismo erógeno, que marca, pela primeira vez, a passagem do tempo. O tempo da capacidade de esperar e, com isso, quem sabe, de tornar possível suportar essa dor inaugural que favorece a manutenção da vida.

O núcleo masoquista do Eu possibilitará a instauração do tempo, na medida em que tolera o adiamento da descarga imediata e total. Nasce a tolerância, gestada nesse tempo de *esperança*⁶. Herdeira da satisfação alucinatória do desejo, a vida fantasmática ganha movimento. Para Green (2008), a experiência do tempo dá-se pelos processos de reconhecimento. A experiência do tempo torna-se real, e o Eu reconhece a existência de um objeto ou de um sentido e, por consequência, torna-se capaz de conhecer a si mesmo.

Quando não há sequência (pulsão, representação de coisa, representação de palavra, representação de realidade), encontramos-nos sob a égide da compulsão à repetição. Essa repetição é mortífera, impondo ao sujeito viver fora do tempo, de tempo, portanto, aquém do que é transitório. Ligada aos processos primários – compostos essencialmente de representações, na sua maior parte visuais e acompanhadas de seus afetos –, a repetição ignora o tempo, a negação e a dúvida. Freud em 1920, quando revisa seu conceito de repetição, leva-a ao *status* de globalidade, como característica de todo funcionamento pulsional. Para Green (2008), a concepção de compulsão à repetição freudiana (de 1920) é relativa a uma regressão do funcionamento psíquico ao nível do funcionamento das pulsões, o que a aproxima da sua ancoragem biológica, e conclui: “[...] a concepção freudiana de tempo implica uma articulação dos níveis de funcionamento psíqui-

6 Ato de esperar aquilo que se deseja. Expectativa (MICHAELIS, c2019).

co do Id ao Superego.” (GREEN, 2008, p. 210). Ou seja, da natureza biológica à natureza histórica, construída das pulsões às relações com o objeto (FREUD, 1923).

Quando há fragilidade do Eu, a falha está no recalçamento originário. Na medida em que esse recalçamento funda o mental, possibilita que os primeiros registros, as primeiras marcas, possam ser transcritos sucessivamente, de um sistema ao outro (FREUD, 1896). Na letra freudiana, vemos que é no tempo desse recalçamento, base para o aparelho psíquico e para a instauração do narcisismo, que operam os dois dos primeiros destinos (e defesas) pulsionais: a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa (FREUD, 1915a).

O objeto transforma o Eu na medida em que esse objeto é assimilado, permitindo que haja uma diferenciação a partir do Id. Quer dizer, a partir das experiências vividas e percebidas, principalmente por conta da necessidade de abandonar seus objetos primordiais. Um objeto só pode ser assimilado quando se ausenta (por um período tolerável para a criança, caso contrário, acontece um desinvestimento e o objeto desaparece da psique desta (WINNICOTT, 1975), ele só pode ser representado quando não está (GREEN, 2008). O Eu, ao adotar as características do objeto, apresenta-se ao Id como objeto de amor e, assim, substitui a perda sofrida. As transformações da libido objetual em narcísica será, de alguma forma, revivida no Complexo de Édipo, quando novamente os primeiros objetos sexuais terão de ser dessexualizados. No sepultamento do Complexo de Édipo, a identificação não é mais direta com esses objetos, e sim com as normas, as regras, os interditos paternos, que, assimilados, constituirão o Superego. Nesse sentido, Green (2008) atribui ao Superego o papel de uma força protetora do destino, na medida em que é guardiã da tradição e da ética, bem como “[...] em conjunção com o Ideal de Eu, ela leva em consideração as consequências das ações projetadas e vela pelo destino do indivíduo. [...] o Superego é um orientador de tempo” (GREEN, 2008, p. 216-217).

São os registros de satisfação e de dor que se tornaram passíveis de ingressar no psiquismo como representação de coisa que, posteriormente ligadas/investidas pela libido, ascendem ao *status* de representação palavra. É preciso o acesso às palavras para que o sujeito possa construir um repertório histórico. A história, quan-

do simbolizada, é marcada pelo tempo. Ou seja, do pulsional – conceito limite entre a “[...] força do somático e a exigência de ser representado para ser conhecido pelo sujeito e lhe dar estatuto de ser pensante.” (AISENSTEIN; SMADJA, 2003, p. 410) – só temos notícias a partir do que revela o objeto e do que deste pode ser falado e marcado no tempo.

No início de seu processo de formação, o Eu toma o que é bom como atributo seu e o que é ruim, sentido como desprazeroso, como coisa fora de si, como coisa do mundo. Então, o tempo do Eu-prazer-purificado precede o Eu ideal – Eu que se torna alvo do amor de si mesmo e que se dota de todas as perfeições, tal como desfrutava na infância o Eu real. Contudo, lembra Freud (1914, p. 106): “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar.”.

Assim, esta instância psíquica denominada Eu, dotada de função reguladora entre a demanda pulsional advinda da sua origem, as exigências externas (princípio de realidade) e as demandas do Supereu (instância crítica) é fruto dos registros das experiências com os primeiros objetos; revela a história do sujeito com estes e, por conta dessa relação com o mundo externo, diferencia-se do Id. O corpo, igualmente, tem papel fundamental no seu processo de formação e de sua diferenciação do Id. Juntamente com o sistema perceptivo, o corpo marca a fronteira do dentro-fora, qual seja, da superfície do corpo “[...] de onde podem partir tanto as percepções internas quanto externas.” (FREUD, 1923, p. 38).

Algo que vivemos na atualidade, com a marca exacerbada do narcisismo, (BIRMAN, 2016), tem como meta negar esse desamparo. A exacerbação da necessidade de negá-lo, contraditoriamente, faz o sujeito contemporâneo manter-se aprisionado na busca do olhar do outro, olhar desesperado que espera ter a existência confirmada e que garanta felicidade. “O encontro com o outro nunca é simples, pois o que é encontrado nunca é exatamente o que se busca.” (ALMEIDA, 2018, p. 298). O desencontro na busca desse encontro dá-se pelo fato de que, nessa configuração narcísica, o outro não existe em sua alteridade, então ele é tomado como uma extensão do próprio sujeito. Disso resulta que a menor frustração gerada por esse outro-semelhante lesa o sujeito de forma irreparável

no que tange ao seu narcisismo. Ao outro-frustrador resta o destino da expulsão (do psiquismo) e a reiterada busca de novos olhares que atendam à necessidade de negar a castração, a incompletude e a morte. Na atualidade, circuito de investimento libidinal parece fechar-se em si mesmo: do Eu como “[...] verdadeiro e original reservatório da libido” (FREUD, 1920, p. 173) parece não se conseguir retirar desse reservatório um *quantum* necessário para chegar até o objeto, então toma-se a si mesmo como tal, como objeto sexual privilegiado. Nessa lógica o tempo seria de *looping*, e não de avanço-retrocesso?

Voltamos ao Complexo de Édipo e aos destinos possíveis a partir de sua travessia. Quanto mais fortalecido o Eu chega a esse momento impossível de não ser vivido, melhores condições têm o sujeito de valer-se das identificações construídas até então. A travessia edípica exige que, ao seu final, as figuras parentais sejam dessexualizadas, que os atributos de ambos sejam introjetados tomando o lugar do que antes fora um investimento erótico, objetal. A instância que se instaura aí recebe o nome de Supereu. É em relação ao Eu que o Supereu vai agir, como um vigilante constante e atento, regulando suas escolhas: você deve ser como o pai, e não deve ser como o pai, algumas prerrogativas são exclusivas dele (FREUD, 1923).

O Supereu, em sua dupla face com o Ideal de Eu, constitui a instância proibitiva (ao incesto e ao parricídio) e aquela que regula tudo mais que está permitido, sendo possível que o sujeito possa desejar o que lhe falta e, a partir disso, colocar-se em busca de realizar. Uma importante função atribuída ao Supereu é a de ser “[...] veículo do ideal do Ego, pelo qual o Ego se avalia, que o estimula, e cuja exigência por uma perfeição sempre maior, ele se esforça por cumprir.” (FREUD, 1933 [1932], p. 70).

O Supereu é tanto o resíduo das primeiras escolhas objetais do Id quanto representante de uma enérgica formação reativa contra essas escolhas. As proibições sedimentadas na travessia edípica servem como uma muralha (recalcamento) construída de matéria emprestada ao Eu infantil – as proibições parentais são primeiro externas, só depois do Édipo que se tornam próprias, como obstáculo para a realização de desejos incestuosos e parricidas. A outra face da moeda, assim podemos dizer, chamada Ideal de Eu, é a que vai servir como espaço de transfor-

mações e trânsito entre os lados da muralha, para que o sujeito possa reconhecer sua capacidade de transformação, necessária, ao longo do trajeto de tornar permitido o que originalmente é impossível.

O Eu tem como funções próprias (FREUD, 1915b): a censura, o teste de realidade, a consciência moral, a censura do sonho, a autocrítica, o sentimento de culpa e o trabalho de luto (FREUD, 1917). Unir e reconciliar as reivindicações das três instâncias a que serve, tendo no Supereu o modelo que se esforça para seguir, reitera a tarefa do Eu de ser a instância conciliadora, encarregada de fazer síntese (FREUD, 1924b). Segundo Green (2008, p. 206), o Eu também “[...] oferece às pulsões um espaço de elaboração.”. O Supereu age como veículo do Ideal de Eu, pelo qual o Eu se mede. Nesse sentido, o pensamento, além de um trabalho de busca e construção, serve ainda como representante de espaço e tempo, que permitirá a promessa de futuro, ou, nas palavras de Freud (1914), que se constitua o Ideal de Eu. “[...] o Superego desempenha um papel protetor do destino.”, refere Green (2008, p. 206), ao enfatizar a ambiguidade dessa instância, “[...] exigindo sempre novos sacrifícios em função da satisfação pulsional, mas, paradoxalmente, protetora também, sempre atenta à manutenção da vida.” (GREEN, 2008, p. 206).

A relação do Eu com o Supereu tem implicação direta com a vivência edípica. Quanto mais intenso ou acelerado for realizado o recalque, mais severo tenderá a ser o Supereu com o Eu, assumindo a forma de consciência moral e de sentimento de culpa inconsciente aterrorizante.

O Édipo, na sua conflitiva, reedita a vivência do desamparo original – antes vivido como eminência da morte biológica por conta da intensidade pulsional não ligada e, ao longo dessa conflitiva, pela intensidade pulsional ligada aos desejos incestuosos e parricidas, que, no final, se satisfeitos, levariam à morte psíquica – e a dor sofrida por perdas anteriores. Há uma ressignificação, *après coup*, dessas perdas. Os pais que puderam garantir a interdição e, com essa garantia, afiançaram amor suficiente, provavelmente mostraram ao seu rebento que eles próprios estão interditados e têm condições de interditar enquanto a criança ainda manca no caminho. Possivelmente o ajudam a contar com um Eu enriquecido e capaz de cumprir seu papel de instância conciliadora.

O Supereu revela uma estreita relação com o Id inconsciente (FREUD, 1923), uma vez que ele é constituído de imagens-de-palavra ouvidas. Sua origem está naquilo que foi um dia escutado, o que forma seu conteúdo. Contudo, a energia de investimento aportada a esse conteúdo tem sua fonte no Id. Assim, ele sabe mais sobre o Id do que o próprio Eu. Ainda no que toca à formação do Supereu, o tempo (intervalo) relativo ao querer *ser e ter* o objeto alterna-se ao longo do Complexo de Édipo. O que é assimilado do objeto pelo Eu são partes deste transformadas em atributos, tanto de um progenitor quanto de outro, assimilação/identificação possível graças à bissexualidade constitutiva. Essa trama identificatória contribui para o enriquecimento psíquico do sujeito.

3 ENCONTRO ANALÍTICO E A ATEMPORALIDADE DO INCONSCIENTE

Com a pretensão de ilustrar pontos de ancoragem – que protegem o psiquismo do excesso e, ao mesmo tempo, impedem o avanço transformador –, ilustramos com algumas vinhetas clínicas:

[sessões iniciais]

Pedro - “tudo que acontece lá (no trabalho) é culpa minha, porque sou eu quem tem de resolver e se eu não resolvo, dá problema, então a culpa é minha, só minha”

Analista – então culpa e responsabilidade são a mesma coisa?

Pedro – (chora) eu não sei a diferença... Eu nunca pensei. Eu só sei que eu não consigo resolver, quando vejo, aconteceu de novo.

Analista – tu imaginas que podes evitar ou resolver os problemas, sozinho?

Pedro – só eu posso, ninguém mais.

O sentimento de culpa inconsciente tem relação com um saber do Supereu – um dia o Eu desejou o incesto e o parricídio – e ataca o Eu, que não sabe de que culpa se trata. Como exemplo da literatura, lemos em ‘O processo’ de Kafka (1997) a história de um homem que, acusado, é julgado sem saber seu crime, tampouco quem o acusa. Joseph, o réu, desesperadamente busca meios

para defender-se, mas, mantendo-se enredado na trama, chega ao destino anunciado.

O sentimento de responsabilidade é uma construção posterior ao Complexo de Édipo e é relativa, porque o objeto está implicado. Sujeito e objeto têm responsabilidades distintas, mas complementares, já que um não decide por dois. Assim, a responsabilidade dá-se na relação e na medida em que ela implica na possibilidade de o sujeito, apropriado do seu desejo, ser razoavelmente (porque sempre haverá a força da pulsão) livre para escolher o que fazer dele/com ele. Então, não se trata de não desejar ou nunca ter desejado o que é proibido, mas sim de poder acolher o desejo e transformá-lo em possibilidades que não matem a fonte (libido, pulsão de vida) e que preservem o vínculo com o objeto.

A tirania do Supereu vai por este caminho: não devias ter desejado, agora é tarde! Domina o Eu, que, quanto mais frágil, mais se porta indefeso e submisso, adubando um campo já fértil para a vergonha, que, nutrida de narcisismo de morte (GREEN, 1993), projeta para a vingança, pois não há como consertar a imagem manchada. “[...] o caráter destrutivo do sentimento [de vergonha] é bem maior: é global e absoluto.” (BILENKI, 2014, p. 138). A culpa é resultado de um mal infligido ao outro, então resguarda a reparação, revela ser de ordem objetal e está regada de narcisismo de vida. Ainda assim, empobrece o sujeito, visto que o restringe psiquicamente para desfrutar do que conquista. Em seu ápice, na relação analítica, mata o vínculo (RTN).

No recorte acima descrito, trata-se de um homem com mais de 40 anos, identificado com um pai impulsivo, que foi incapaz de garantir ao seu filho a segurança do interdito. Desde muito cedo, esse sujeito viu-se à mercê das próprias pulsões, tendo que lidar com elas, contando com ajuda alheia insuficiente para destiná-las de forma a manter sua integridade psíquica⁷. Sente-se sozinho e assustado, o que resulta hoje em um movimento pulsional em que a volta contra si mesmo acaba sendo um recurso privilegiado. Suas queixas psicossomáticas falam do que não foi simbolizado da sua história e que, de engate, prestam-se como

7 Pedro costuma referir-se à mãe, destinando-lhe um adjetivo que, na escuta analítica, entendemos que diz de uma mãe sem profundidade e relevo, rasa, plana, em quem não foi possível colar-se para, posteriormente, nutrido e razoavelmente fortalecido, poder afastar-se.

punição que alivia o sentimento de culpa – o sofrimento tem origem em dois tempos: pré-edípico e edípico. O esforço para manter dentro de si a agressividade potencializa a severidade do Supereu: ideais inalcançáveis e vivência de satisfação restrita retroalimentam sua tese de que é culpado, portanto, não merece ser feliz. Parece mitigar uma parcela de culpa reinvestindo o que conquista, favorecendo os outros a sua volta, mas empobrecendo a si mesmo.

*Madalena – eu não aguento mais, eu só trabalho, e eu tenho **dois** trabalhos né, aí eu chego em casa de noite e tenho que trabalhar de novo. Como eu vou engravidar?*

Analista – tu te fode trabalhando e acha que assim vais engravidar

Madalena – ah?

Eu decidi, vou arrumar aquele [peça da casa]. Vou tirar tudo que tem lá que não uso mais, as roupas, os sapatos velhos que não me servem mais e vou colocar lá [‘móvel’ novo que fará uso] que está na caixa ainda, tu acredita?

Analista – que tu estás tentando fazer espaço?

[...]

Madalena – é tudo comigo, se eu não proponho, não acontece nada. [...] Eu voltei de São Paulo podre de cansada e o José tinha reservado, há um mês já, um restaurante... eu disse pra ele, pra gente não ir. Eu não sei por que, eu fico incomodando, não sei o que eu quero com isso.

Analista – saber se ele está vivo, se tem vitalidade para te enxergar.

Madalena - Ele me diz que eu nunca estou satisfeita. Eu falo com ele e ele está olhando para o nada, nem me escuta.

Os pais de Madalena sofreram uma perda irreparável quando esta tinha pouco mais de um ano de idade. O luto dos pais e sua nova posição na família por conta desse fato impactaram na sua conflitiva edípica, dificultando sua resolução de forma satisfatória. Pretensões narcísicas exacerbam a dificuldade de Madalena para lidar com a própria incompletude, com a finitude e com o outro em relações íntimas. Quando os atributos desse outro evidenciam-se como exclusivos, Madalena os destitui de valor, sem saber que priva a si mesma de desfrutá-los. Iniciar novos projetos faz reavivar a certeza de que, só sendo ótima (completa),

Madalena conseguirá, o que os torna inviáveis. O desejo acerca da maternidade reacende a inegável constatação de quanto o objeto é imprescindível, bem como confirma sua incompletude. Também é do tempo do narcisismo a fantasia de autoengendramento. Frente a um homem, a reedição do olhar enlutado do seu pai atualiza-se. Quando o homem de agora se apresenta potente, Madalena não sabe qual seu lugar, não sabe como se portar nessa nova cena. Escapa. Retira-se.

Quando o Supereu tem priorizada sua face protetora outrora exercida pelo pai, mantém-se aí uma ligação de vida. Mas é pela forma disruptiva da pulsão de morte que a dessexualização das figuras parentais é possibilitada. Ou seja, a sublimação que sofre o componente erótico, que assim não tem mais força para enlaçar a destrutividade, é fruto de uma defusão pulsional. O que sobra de pulsão de morte aloja-se como crítica e sadismo, no Supereu.

Em outro exemplo clínico, o retorno contra si mesma também se evidencia. Nesse caso, na compulsão alimentar como estratégia de soterrar a agressividade não fusionada com o componente amoroso – que fusionado poderia ter se transformado em sadismo e, assim, em força para conquistar – evidencia a destrutividade:

Joana - me dá uma raiva sabe? [...] É, eu devia me colocar no plástico bolha, porque não sei o que aconteceria se eu começasse a falar.

Analista – o que tu imaginas que aconteceria?

Joana – ah, acho que eu explodiria com tudo.

Para o Supereu, desejar e realizar o desejo equivalem-se. O processo analítico, ancorado pelo *setting*, vai permitindo que o sujeito experimente a diferença que há entre desejar/falar e fazer. Na relação com o analista, o guardião desse *setting*, comparado ao modelo dos pais, guardiões do interdito, essa diferença pode ser instaurada.

O aspecto assustador, no caso acima retratado, tende a ter como destino o retorno contra si mesma, pois o ódio dirigido contra si protege, na sua fantasia, os objetos internos e externos. “Caberia, pois, à libido a tarefa de tornar inofensiva a pulsão destrutiva, [o que a libido faz] desviando grandes parcelas da pulsão de

morte para fora, dirigindo-as contra os objetos do mundo externo.” (FREUD, 1924b, p. 109). A parte colocada a serviço da função sexual, chamada de sadismo, confirma a fusão pulsional em prol da vida psíquica. Joana teme que contenha em si um *quantum* de destrutividade retida e que sua liberação causaria um estrago em seus objetos (internos e externos). Como efeito, vive subjugada ao Supereu tirânico, que age contra o Eu. Como na ambivalência, neste caso, penso que não se trata de defusão, senão “[...] de uma fusão incompleta de pulsões.” (FREUD, 1923, p. 51) resultante não do sepultamento edípico, e sim de uma falha mais precoce.

Joana conta que, eventualmente, era chamada à mesa para fazer uma refeição com o seu pai. Nas histórias, nas quais ela era convidada para ser participante ativa, a comida que a mãe deixava preparada – toda misturada – lhe era oferecida pelo pai. A impossibilidade de negar a *comida misturada (sic)* e, ainda assim, permanecer naquele encontro de amor entre pai e filha, parece ter se transformado, ao longo da vida de Joana, na convicção de que o que é gostoso é besteira, faz mal e engorda. Por contrainvestimento, o apetitoso oferecido pelo pai, e sem a interdição da mãe como terceira no triângulo edípico – que permanecia em outro cômodo ou de costas –, ficou marcado como representante do incestuoso, portanto do proibido. A cena de estar na mesa com o pai parece vivida concomitantemente ao momento da união das pulsões parciais sob a primazia fálica-genital, que não puderam seguir seu curso, tendo regredido à oralidade. Comer a comida do pai como equivalente a estar na mesa/cama com este precisou ser rechaçado. O sintoma de comer besteiras que não alimentam, mas que engordam, dizem de uma satisfação alcançada pela regressão da genitalidade à oralidade, portanto uma satisfação perversa. O oral, via de entrada para o que alimenta, demanda que a pulsão se apresente em sua faceta sádica – destruir para incorporar e transformar em próprio – e masoquista – capacidade de esperar e aceitar o alimento oferecido e dele desfrutar.

O processo analítico e o encontro via transferência, quiçá, possam propiciar a discriminação do que o pai pôde lhe oferecer de vida e o que, em conjunto com o legado materno, poderá ser usufruído como alimento nutritivo e constituinte de sua subjetividade e de sua sexualidade adulta. Se tomarmos o casal parental como

dois-em-um, a análise pode se prestar como o terceiro que assegura a interdição dos desejos incestuosos e parricidas e, assim, liberar o sujeito aí aprisionado para desejar e satisfazer todos os demais desejos permitidos a qualquer sujeito inserido na cultura.

4 A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Nenhum processo analítico capaz de promover mudanças psíquicas navega em águas calmas. É no mar revolto que os destinos da pulsão podem encontrar novos portos. Segundo Quinodoz (2002, p. 421) “a primeira entrevista com um paciente contém, em germe, tudo o que será a problemática central do tratamento [...] pois temos aqui um condensado da eventual análise futura”, que remete-nos ao movimento do tempo, do vai e vem dos conteúdos contidos no psiquismo de nossos analisandos e na maneira como esses conteúdos nos são apresentados.

Em 1937, no texto “Construções em análise”, Freud reatualiza a expressão *construções* em relação ao delírio, argumentando que boas construções levam a fragmentos de recordações conectadas ou ligadas sob uma forma quase alucinatória. Esse fato leva-o a se perguntar sobre a relação do delírio com a verdade, resultado de uma “pulsão emergente” (MOREL, 2012) do recalçamento que poderia voltar ao fato de que o sujeito se desvia, atualmente, da realidade. Esse desvio deforma o material que aparece como delirante, mas certamente com um fundo de verdade histórica que, via construção, pode substituir um fragmento de realidade desmentida no presente e rechaçada na infância.

A sessão analítica, se tomada como equivalente a um “delírio a dois”, segundo Morel (2012, p. 73), pode restituir, a partir da convicção gerada pela construção, a verdade histórica calcada na verdade material que constituem os sintomas. Em “Moises e o Monoteísmo” (1939 [1934-38]), Freud diz que nada conserva melhor a verdade do que a manter em seu estado recalçado, quando ela toma um caráter imperioso e compulsivo.

Nesse sentido, o processo analítico tem o potencial de proporcionar legitimidade às palavras do sujeito e, a partir do momento em que suas histórias e seus afetos ganham *status* de verdade, ambos poderão ser sentidos, contados e pensa-

dos. Acerca das construções em análise, Freud (1937, p. 276) afirma que “[...] o trabalho de análise consiste em duas partes inteiramente diferentes, envolve duas pessoas, a cada uma das quais é atribuída uma tarefa distinta.” A tarefa do analista é a de completar o que foi esquecido, tendo como ponto de partida os traços que deixou atrás de si. Pensamos que tal tarefa pode tratar-se também da construção do que ainda não foi representado, se partirmos da premissa de que é possível ao analista oferecer uma *ação específica do analista*, sustentada pela percepção inconsciente e configurada⁸ no efeito contratransferencial, ou seja, através do contato profundo, da sua disponibilidade de sentir em si, de “[...] aceitar-se depositário de algo não decifrado [...]” (TARRAGÓ, 2018, p. 111).

Se navega como acima referido, o processo analítico movimenta-se como ondas que avançam e retrocedem para ganhar força. Para se formar, precisa de volume de água (inconsciente), da constância do vento (escuta) e dos tremores submarinos (associação livre). Podemos inferir que, semelhante ao fluxo das marés, a análise, cadenciadamente, propicia emergir conteúdos antes submersos no mais profundo e escuro do inconsciente, como também leva para o mais longínquo na história do sujeito o que não lhe serve mais, porque faz parte de outro tempo.

A técnica psicanalítica, segundo Valls (2009, p. 617, tradução nossa), é um “Conjunto de procedimentos e recursos utilizados por Freud com seus pacientes, [...] para analisá-los.” A técnica psicanalítica clássica requer do analisando a associação livre, e do analista, a atenção flutuante para que, no encontro de ambas, floresça a interpretação, que produza, pela surpresa, “[...] um desequilíbrio no sistema psíquico do paciente que faz vibrar toda uma rede de associações e o ajuda a sair do círculo, no qual ele gira sem fim, para se abrir para a simbolização” (QUINODOZ, 2002, p. 429).

O processo analítico faz conhecer o próprio inconsciente, os desejos inconscientes, preenchendo assim as lacunas mnêmicas que ficaram desde a primeira infância e ao longo do desenvolvimento de sua sexualidade, quando foram reprimidas. O Eu se fortalece ao introduzir, em seu espaço, representações de

8 Dar a figura ou a forma de representar.

desejo objetual (Rc) e, ao ligá-las a outro tipo de representações que estão no pré-consciente (Rp), torna-as próprias. Assim, “[...] o sujeito as torna pensáveis e, por consequência, adquire condições de decidir sobre elas, bem como, se as levará ao ato ou não”. (VALLS, 2009, p. 617, tradução nossa).

Ao tomar maior conhecimento sobre si mesmo, em especial, sobre os mecanismos de defesa prioritariamente utilizados e sobre as resistências que deles provêm, o sujeito conhece a história de formação do próprio Eu, suas identificações e os rastros deixados em si pelo objeto. Valls (2009) lembra que, ao analisarmos as origens identificatórias, analisamos a problemática narcísica. Em respeito a essa problemática, o autor enfatiza que a análise de transtornos com predomínio narcisista requer modificações na técnica e nos seus objetivos. Green (2008) observa que essas modificações referem-se à adoção de medidas apropriadas e temporárias, sem modificar significativamente os princípios que dirigem a técnica analítica: transferência, resistência e interpretação.

O conhecimento do inconsciente, alcançado através da compreensão do significado dos sintomas, dos sonhos, dos atos falhos, das lembranças encobridoras pelas vias associativas que destes nascem, permite, ao analista e ao analisando, saber sobre as partes distintas de seu psiquismo: do Id, suas pulsões e atemporalidade; do Eu, suas identificações nascidas em um registro do tempo (do masoquismo primário que permite distinguir presente, passado e futuro, dentro e fora, eu-não eu) e do Supereu, seu mais ou menos intenso sadismo, herdeiro do Complexo de Édipo, lugar de sucessor. A origem do aparelho psíquico diz de outro tempo, embora sua ação seja atual.

A associação livre, se seguirmos suas leis de contiguidade, analogia ou oposição, e separando-as da identidade de percepção (“alucinatoria, portanto, frustrante” [VALLS, 2009, p. 654, tradução nossa]) colada no processo primário, permite o avanço facilitado via atenção flutuante. As interpretações daí nascidas caminham em direção ao processo secundário, onde há o domínio da palavra e a atividade do pensamento. Ou seja, permite a construção de verdades históricas, bem como “[...] diminui o grau de fixação pulsional, o que permite ao Eu maior liberdade no vínculo com seus desejos e, portanto, com os objetos” (VALLS, 2009, p. 618, tradução nossa).

A transferência, campo no qual o jogo analítico acontece, “[...] reino intermediário entre a doença e a vida [...]” (VALLS, 2009, p. 619, tradução nossa), espaço-intervalo entretempos no qual afetos amorosos e hostis que foram reprimidos são revividos com a intensidade original. Primeiro repetido. Em seguida, relembado. Depois transformado em história. Repetições, memorações, construções são movimentos que voltam a repetir, e, a cada nova edição, ganham novos níveis de significado. “As construções não dizem respeito somente ao passado, mas também aos processos mentais que surgem na relação transferencial.” (GREEN, 2008, p. 224). Conectados entre si, de maneira cada vez mais ampla e correlacionados em diversos momentos da vida, os fatos atuais, por similitude ou por diferenças com fatos traumáticos, podem ser compreendidos e integrados na cadeia simbólica.

O fim de um processo analítico poderia ser marcado pelo retorno para si mesmo da primeira *ação específica*, na medida em que, quanto mais bem integrados estiverem seus afetos e seus desejos – estes menos erotizados, já que o Eu se tornou mais capaz de sublimá-los e re-erotizá-los quando quiser (VALLS, 2009, p. 621), o sujeito terá maior capacidade para dar a si, para atender a si mesmo, garantindo vínculos com meta inibida –, que permite variar a atitude, o que leva à criatividade. Abre-se espaço para a ternura, para as atividades sublimatórias que sustentam relações de objeto e interação social.

Desde a *ação específica* que marca a possibilidade de avanço ao autoerotismo, sucedido pela instauração do narcisismo primário e o início incipiente do que se tornará o reconhecimento de si e do objeto, a história da constituição do Eu, perpassado pelas identificações – primária e da passiva à ativa –, propicia um novo movimento do *ser para ter*. A instauração do princípio do prazer a partir do enlace das pulsões no momento da instauração do masoquismo erógeno primário valida novamente a relevância do objeto. Para Rosenberg (2003), o masoquismo erógeno primário é “[...] um testemunho e um vestígio dessa fase de formação em que se realiza esta liga, tão importante para a vida, da pulsão de morte e de Eros.” (ROSENBERG, 2003, p. 80). Sendo assim, segue o autor, essa primeira intrincação pulsional gera como produtos o princípio do prazer e o masoquismo, concomitantemente. É esse o momento fundador da capacidade do incipiente

Eu de protelar a descarga e assim qualificar a ação que, regulada sob a égide do princípio do prazer, é vivida de maneira relativa e não mais com a aspiração autodestrutiva do prazer absoluto. E a vida psíquica segue ligando e desligando, avançando e retrocedendo, intercalando dor e amor.

As possibilidades infinitas do aparelho psíquico de repetir, reviver, inventar e reinventar estariam, pois, submetidas ao modelo do que é transitório e perecível, finito e, por isso mesmo, belo e disponível para, a cada nova ligação, fazer-se novo, ainda que mantida a sua essência. No processo analítico, o tempo é de transitoriedade, tendo em vista que, assim se espera, nada se mantém constante, exceto o desejo do sujeito de construir a si mesmo, de um jeito próprio. Dessa forma, contempla-se o movimento pulsional em direção a novos destinos, na passagem do tempo e na transitoriedade dos fatos, o que nos exige, enquanto analistas, “[...] alternar as interpretações que se referem ao material atual e aquelas referentes a um passado, seja hipotético ou aleatório, impõem-se à análise um vai-e-vem [...]” (GREEN, 2008, p. 208), entre o que se passa aqui-e-agora e o que se supõe ter acontecido antes. Ancorado em Freud, Green (2008, p. 208) argumenta que os “[...] elementos pertencentes a diferentes momentos do passado se intercalam e são reformulados por elaboração secundária visto que emergem à superfície do material.”. O transitório precisa do espaço para navegar.

Assim como a flor morre no inverno e, pelas sementes deixadas, floresce na primavera, cada etapa do processo de constituição e de funcionamento do aparelho psíquico ao longo da vida tem de lidar com momentos de ligação e desligamento – vida e morte –, de retorno ao início, de avanço para o desconhecido. A luta pela constância é inglória. Sorte a nossa. O que é transitório nos mantém vivos!

Por fim, Green (2008, p. 224) lembra, retomando Freud: estar consciente da nossa própria verdade histórica, qual seja, “[...] admitir que a verdade não pode ser atingida, senão através de suas deformações, pode ser a última palavra do processo analítico.”, deformações estas que marcarão, ao mesmo tempo, as primeiras palavras ainda não nascidas.

REFERÊNCIAS

AISENSTEIN, M.; SMADJA, C. A psicossomática como corrente essencial da psicanálise contemporânea. *In*: GREEN, A. (org.). **Psicanálise contemporânea**: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

ALMEIDA, M. O outro e a angústia da diferença. *In*: LIMA, J. L.; HAUSEN, D. C.; MEIRA, A. C. (org.). **Édipo**: enigma da atualidade. Porto Alegre: Sulina, 2018.

ALMEIDA, M; TARRAGÓ, M. Édipo feminino: uma variante do mito ou a especificidade no destino da sexualidade feminina? **Diaphora**: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 18, n. 1. p. 39-44, jan-jun 2018.

AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BILENKI, M. A vergonha: sofrimento e dignidade. **IDE**, São Paulo, SP, v. 37, n. 58, p. 133-145, 2014.

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FREUD, S (1896). Carta 52. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1915a). O recalque. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1915b). O inconsciente. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1917 [1916-17]). Conferência XXIV: o estado neurótico comum. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 16).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. (1924a). A dissolução do complexo de Édipo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1924b). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 21).

FREUD, S. (1933 [1932]). Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1937). Construções em análise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 1).

GREEN, A. **El trabajo del negativo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

GREEN, A. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KAFKA, F. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MICHAELIS dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S.l.]: Melhoramentos, c2019. Disponível em: [https:// http://michaelis.uol.com.br/](https://http://michaelis.uol.com.br/). Acesso em: 09 jun. 2019.

MOREL, G. **La ley de la madre**: ensayo sobre el sinthome sexual. Santiago del Chile: FCE, 2012.

OLIVEIRA, J. O complexo de Édipo e suas múltiplas interpretações. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 23, p. 147-169, 2016.

PESSOA, F. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUINODOZ, D. As entrevistas preliminares: ou como despertar o desejo de fazer uma análise em um paciente que não sabe em que isso consiste. **Psicanálise: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 413-435, 2002.

ROSA, L. Por que Piera Aulagnier? **Psicanálise: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 207-217, 2009.

ROSENBERG, B. **Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida**. São Paulo: Escuta, 2003.

SCATOLIN, H. Contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana: um enfoque sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 20, n.2, p. 145-165, 2011.

SIGAL, A. Sobre o sexo, a sexualização e o feminino. *In*: SIGAL, A. **Escritos metapsicológicos e clínicos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

TARRAGÓ, M. Para nascer, basta estar vivo: o trabalho da contratransferência na análise de casos fronteiriços. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 25, p. 99-121, 2018.

VALLS, J. **Diccionario freudiano**. Buenos Aires: Gaby Ed., 2009.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Entre el columpio que arropa y el titubeo que desabriga: el pasaje de la constitución del psiquismo al proceso analítico

RESUMEN

Aunque todos los bebés necesitan un objeto que despierte la pulsión de vida y que de esa manera le permita la intrincación pulsional, la constitución del psiquismo está acompañada de una manera única, así como la historia que cada sujeto construye será inédita, impredecible y tendrá su propia cronología. En el sujeto, lo que fue precoz se repetirá. Lo que fue excesivo para ser asimilado, volverá como una marca de lo traumático. La vida se hace en tiempos intercalados de ir y venir. También lo es cada historia analítica vivida entre el analista y el analizado. En este sentido, este artículo propone una revisión teórica sobre la constitución del Yo y su vínculo en el proceso analítico, considerando lo que en la experiencia transferenceal es posible (re)vivir en el après-coup porque originalmente fue inaugurado fuera de tiempo. Se utilizan viñetas clínicas para ejemplificar elementos tomados de la teoría freudiana.

Palabras clave: Ell. Yo⁹. Superyó. Proceso analítico. Tiempo, Transitoriedad.

9 Por cuestiones de traducción, las instancias psíquicas denominadas “Yo” y “Superyó” también podrán aparecer en este texto como Ego y Superego.